

O USO DAS NOVAS TECNOLOGIAS PARA APRIMORAR O ENSINO NA SALA DE AULA

Raquel Evely Vieira de Araújo(1); Geovanni Mendes Amancio(1); Vanessa Nunes Florentino(2); Mariana Santiago Ferreira Freitas(3); Joseane Abílio de Sousa Ferreira(4)

(1)Universidade Federal de Campina Grande (UFCG)/E-mail:raquelevelly75@gmail.com;

(1)Universidade Federal de Campina Grande (UFCG)/E-mail: geovannymendes546@gmail.com;

(2)Universidade Federal de Campina Grande (UFCG)/E-mail:vannunesf@hotmail.com;

(3)Universidade Federal de Campina Grande (UFCG)/E-mail:marianasanti57@gmail.com;

(4)Universidade Federal de Campina Grande (UFCG)/ E-mail:joseaneabilio@hotmail.com

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem o objetivo de discutir os benefícios do uso das novas tecnologias, ao ponto que refletimos acerca do seu uso como meio de aprimorar o ensino nas salas de aula, disponibilizando aos professores diversas fontes para auxiliar no processo de aprendizagem do alunado. Vivenciamos em uma geração em que a abundância de aparelhos eletrônicos tem se tornados aliados indispensáveis na rotina dos indivíduos, especialmente, nos alunos.

Sabemos que abordar a tecnologia especificamente em sala se constituiu há pouco tempo devido à demanda e inovações no meio tecnológico ser considerado inevitável. Mesmo com tamanha inovação, os docentes temem o uso dessas máquinas no ensino e por isso, o uso desses meios não é implantado corretamente nas escolas.

Diante disso, julgando o tema de extrema importância, a temática foi trabalhada na perspectiva de aprofundar o conhecimento acerca do uso da tecnologia em sala, ressaltando sua importância e seus benefícios ao utiliza-la de modo adequado e educativo, para que sua finalidade em auxiliar professores e alunos seja concretizada.

METODOLOGIA

Mediante o objetivo almejado para este artigo, foi feita uma pesquisa bibliográfica em torno do tema, como forma de se obter maior ênfase na discussão atual da temática em meio à realidade que se tem vivenciado. A pesquisa bibliográfica é “aquela que se caracteriza pelo desenvolvimento e esclarecimento de ideias, com o objetivo de oferecer uma visão panorâmica, uma primeira aproximação a um determinado fenômeno” (GONÇALVES, 2001, p.65).

Através da pesquisa exploratória, é notório que esta se concebe como de grande relevância para as metas que se deseja alcançar, de modo que possibilita ao pesquisador um leque de informações a respeito do tema em estudo, pela qual se podem consultar diferentes obras e autores, ou seja, contribuindo, assim, para a qualidade final do seu trabalho.

Para Gonçalves (2001), a pesquisa bibliográfica faz um levantamento de boa parte do conhecimento disponibilizado sobre o tema, de modo a possibilitar ao pesquisador outras teorias elaboradas por diferentes autores, de diversos lugares do mundo, podendo, assim, analisar e avaliar as contribuições dos mesmos em relação a explicação do seu objeto de estudo.

É por meio desse tipo de pesquisa que se pode dar seguimento a um trabalho mais significativo e de qualidade, sem romper com os objetivos que são elaborados no início do processo, de modo que permite outro olhar mediante um determinado objeto. Podendo, assim, compreender de diferentes ângulos os pontos de vista de teóricos estudiosos do assunto, e conseqüentemente, fazendo com que possamos construir nosso próprio posicionamento diante do tema.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O fato de se colocar equipamentos nas escolas não significa que serão usadas para melhoria da qualidade do ensino, mas o uso adequado deste permitiria uma parceria de aprendizagem com o professor e o aluno, envolvendo ambos numa sintonia/interação de conhecimentos não mais tradicional (livro didático, quadro etc.), não descartando o livro didático em si nem o professor como mediador de conhecimento, mas tendo a tecnologia como aliada ao mesmo, pois, por mais presente que seja os eletrônicos (celular, computador, televisão etc.) em nosso meio, os

educadores ainda “não sabem” utilizar tal máquina ao seu favor e como consequência, o indivíduo portador de tal meio, usará de forma incorreta atrapalhando assim seu desenvolvimento na aprendizagem.

Diversos são os tipos de aplicativos que o professor pode escolher, dependendo dos objetivos da disciplina, características dos docentes e proposta pedagógica da escola. Cortelazzo (1999) apresenta inúmeros tipos de programas em softwares para serem acrescentados ao ensino: software de informação (só transmite a informação), tutorial (ensina procedimentos), de exercício e prática (exercícios de instrução programada), jogos educacionais (jogos de cunho pedagógico), solução de problemas (situações problemáticas para o aluno solucionar); é grande o número de possibilidades para se trabalhar conjuntamente. Podemos ressaltar como aliada, a importância de aulas com filmes ou técnica cine-fórum, Torres (1998, p.32) sugere alguns critérios que são: “os de adequação ao assunto, simplicidade, precisão, facilidade de manuseio, atratividade, validade e pertinência.” Com isso, discutindo e analisando essa técnica, é perceptível a gratificação da interação e participação dos envolvidos, pois, podemos analisar, por exemplo, “os elementos da gramática audiovisual e compará-los à gramática de outras linguagens, descobrindo como cada um destes elementos contribui para construir a narrativa” (FELDMAN, 1997, p. 20). Devemos levar em consideração que nenhum recurso/técnica por si só trará motivação, por isso, depende de como essa metodologia será aplicada e se está adequada em seu contexto de conteúdo.

O docente não deve temer e sim dominar o uso da máquina, como fora dito anteriormente, deve aproveitar o potencial da tecnologia. Para Assmann (1998, p. 21), a educação só alcançará a qualidade desejável quando “gerar experiências de aprendizagem, criatividade para construir conhecimentos e habilidade para saber acessar fontes de informação sobre os mais variados assuntos.” Não há regras intransigentes, porém não há desordem. Há a necessidade de uma elaboração de um satisfatório planejamento para que com isso, a tecnologia alcance seu efeito, tendo em vista o objetivo principal: aprender.

CONCLUSÃO

Partindo do que foi abordado durante todo o estudo, considera-se que a

tecnologia, principalmente nos dias de hoje, é indispensável e torna-se inevitável no âmbito escolar. Entretanto, se aplicada corretamente, e para que isso aconteça é necessário que o profissional esteja preparado e capacitado para obter maior proveito destes recursos a serem utilizados, para que o resultado dessa interação (tecnologia e ensino) seja satisfatório.

Se aliarmos a tecnologia a todas as outras formas de instruir conteúdos em sala de aula (quadro, livro didático, etc.), haverá uma grande possibilidade de maior aprendizagem devido a uma quantidade elevada de recursos como os programas em softwares que disponibiliza aos alunos, diversas formas de aprendizagem, visto que alguns alunos se interessam mais por um ou outro recurso e assim, seriam atendidas todas as supostas vontades e necessidades do alunado de ter o conteúdo exposto da maneira que preferem ou que entendem melhor.

Em uma visão geral, utilizar as tecnologias de maneira correta em sala de aula irá beneficiar tanto o profissional docente, que terá mais recursos a sua disposição para explorar os devidos conteúdos, buscando acrescentar diversas informações que muitas vezes não encontram no livro didático, como para os alunos, que terão a seu favor variadas formas de se aprender mantendo o foco principal, o conhecimento.

REFERÊNCIAS

ASSMANN, Hugo. **Metáforas novas para reencantar a educação: epistemologia e didática**. 2. ed. Piracicaba: UNIMEP, 1998.

CORTELAZZO, Iolanda. **Computador para interação comunicativa, Comunicação e Educação**. São Paulo, n.º 16, set./dez., 1999.

FELDMAN, Márcia. **TV na escola: nem Deus nem o Diabo na Terra do Sol, Presença Pedagógica**, v. 3, n.º 17, p. 16-23, Belo Horizonte, set./out., 1997.

GONÇALVES, Elisa Pereira. **Conversa sobre iniciação a pesquisa científica**. ed. Alínea: Campinas, 2001.

TORRES, Vladimir. **O uso de vídeos como um recurso de apoio didático: exemplos da biologia, Tecnologia Educacional**, v. 26, n. 140, p. 30-36, Rio de Janeiro, jan./fev./mar, 1998.